

ALICE SANT'ANNA

Pé do ouvido



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Alice Sant'Anna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Maria Barbosa

Ana Luiza Couto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'Anna, Alice

Pé do ouvido / Alice Sant'Anna. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2738-2

1. Poesia brasileira I. Título.

16-03169

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

PARTE UM, 13

PARTE DOIS, 55

PARTE UM

descer a brook street
os sapatos novos
reluzentes com sola de madeira
que fazem barulho
se tivesse o corpo macio
faria a posição dos jogadores de beisebol
antes de arremessar a bola
talvez o beisebol tenha sido inventado
só para que esse movimento seja possível
o corpo virando para o lado, uma perna
no chão e a outra se erguendo
perto de encontrar o cotovelo
do braço oposto em câmera lenta
até o arremesso da bola
que faz acelerar o tempo

estagnado da concentração: nada
nenhum passo de dança
pode ser mais bonito que isso
os sapatos novos quase tamancos
de tão barulhentos
as árvores cada qual de uma cor
ela faz caminhos muito mais longos
para ver se aquele laranja
de perto é mesmo possível
e quando as folhas começam a cair
e a contaminar as calçadas
e as escadas e as portas das casas
da nova inglaterra
com seus surpreendentes amarelos
a diferença entre solitude
e loneliness qual é?
depois de certo tempo se cansou do recital
ouvindo a mulher maquiada demais
com sotaque irlandês
prestava atenção não no que ela dizia
mas no modo como a voz cantava
quase sem pausas para respirar
olhava para aquela mulher
sem entender uma palavra
como se estivesse apenas folheando um livro
virando as páginas
acompanhando o formato das letras

procurando figuras
a acústica da boca
como pode fazer um som
tão diferente? se tivesse nascido
em outro país a voz seria outra
e as coisas que escreve e pensa
também seriam outras
ao voltar da biblioteca
viu uma lua redonda
e quis apontar
mas pensou por um minuto
e preferiu não comentar com ninguém
ninguém mais
parecia prestar atenção na lua
como se a lua estivesse ali só para ela
a câmera não ajustaria o foco
e escrever que viu uma grande lua
não impressionaria ninguém
então guardou para si
como um segredo: a lua cheia
dos poemas japoneses
outra vez ele comentou
o copo na mão
que seu pai ficaria muito desapontado
se ele não fosse ao jogo de beisebol
em boston no sábado à noite
red sox contra detroit

tenta explicar as regras
que não fazem muito nexo
meu pai, ele diz, tem barba
parece um mendigo
mesmo com roupa de gala um mendigo
rimos alto: mas isso não se diz
o anel de água no balcão
quando o copo gelado é devolvido
outro anel, este mais fraco
o balcão de madeira
feito a sola do meu sapato, se olhar de perto
reluz tanto que talvez sirva
de espelho para a mulher maquiada
com sotaque irlandês corrigir o delineador
forte demais
há um poema japonês que diz
“quão tolo é o
escuro da noite de primavera —
que pode ocultar o
charme e a cor das flores de ameixa
mas não pode esconder o perfume”
as mãos sobre o livro
continuam repousadas
um dia inteiro se passa
de repente uma onda
se ergue cada vez maior
o que assusta na onda não é o modo

como ela se ergue
feito uma aranha armadeira
o ponto mais alto que alcança
da altura de um prédio
de trinta e cinco, de oitenta e sete
andares, um muro
impossível de escalar
a aranha na posição de ataque
o que faz temer a onda
é a maneira como ela vai desarmar depois
a maneira como vai despencar
lá de cima o choque
o barulho a espuma
na poesia japonesa quase não
se vê metáfora: como se estivesse de noite
como se fosse uma onda
a poesia japonesa: de noite
uma onda
sonhar com dentes é sinal
de ansiedade
o sonho que ele teve
no banheiro tentava segurar
um dente de trás
e quando puxava vinha o dente
e junto a raiz e junto um feto
se formando dentro da gengiva
eu também sonho muito com dentes

antes de uma reunião crucial
me olho no espelho e os dentes
caem em série feito dominó
e descem todos pelo ralo
a mão na frente da boca
precisando explicar: não vou poder
ela disse que não dormia há dias
não adiantavam os remédios
não adiantava o cansaço
de manhã uma luz amarela
sobre a mesa da sala uma planta roxa
se espalha para além do vaso
a planta toca os pratos e os talheres
com as pontas dos dedos
um inseto pendurado na janela
fez residência do lado de fora da casa
quando senta e olha pela janela
o inseto não oferece perigo
é como assistir à televisão
ou assistir à lareira
ver o inseto empenhado em seu trabalho
em sua vida curta
da plateia olhávamos os livros
não tem troco então compro
dois, isso ajuda?
tomamos suco de maçã e combinamos
de no próximo fim de semana

pegar o carro
para alguma montanha
de onde as copas das árvores pareçam
um mar vermelho
isso existe mesmo, ela diz, ou amarelo
mas temos que ir logo
daqui a pouco chega o inverno
as folhas desbotam
você sabia que nos poemas japoneses
o outono era uma época alegre
de cores vibrantes, mas eis que importaram
da china a tristeza do outono
o outono que faz pensar
em morte, em perda?
no inverno não vai sobrar
nenhuma folha nas árvores carecas
a não ser pelo evergreen, ele diz
as plantas que resistem a qualquer estação
por isso sempre verdes
no japon o evergreen
quer dizer imortalidade
a espuma de sal
da onda que despencou
de repente vira noite
debaixo d'água
o corpo sem sentido
mole jogado de um lado

para o outro
eu bem gostaria que nevasse
lemos em silêncio
frente a frente
essa noite não sonhei
ela tem um olho de cada cor
mas a diferença é sutil
tem gente da minha família
que só se deu conta há três meses
na foto da lua o sinal verde
muito menor porém muito mais próximo
invadiu a moldura e a lua
ficou um pontinho confundido com o poste
não dá pra fotografar a lua
não com a câmera do celular
a primeira coisa que comprou ao chegar
foi um pé de manjerição
todas as manhãs coloca água no vaso
abre as cortinas para o banho de luz
a sombra ao meio-dia é mais aguda
na calçada vê a própria silhueta
confundida com o decalque de uma árvore
a sombra indecisa
transformando duas coisas em uma nova
metade gente metade árvore
na tatuagem do cimento
um passo de dança